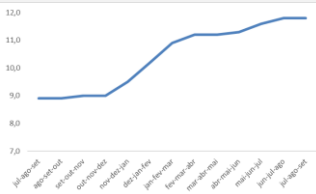


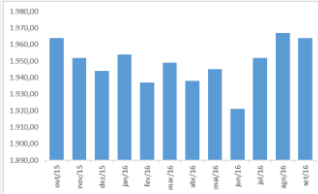
# Dashboard



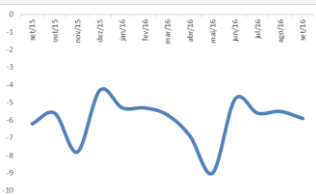
**Desemprego**  
PNAD Contínua  
Jul/Ago/Set 2016 **11,8%**



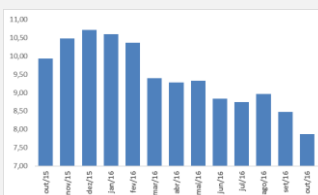
**Rendimento Médio**  
Julho R\$ 1.964,00



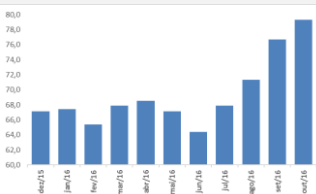
**Varejo (PMC)**  
Setembro (-) 5,9%



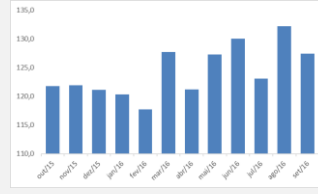
**Inflação**  
Outubro 7,87%



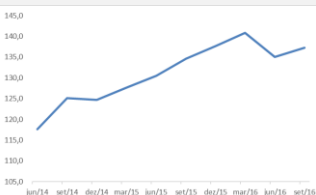
**Confiança do Consumidor**  
Outubro 82,4



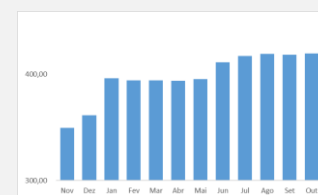
**Demanda por Crédito**  
SERASA Pessoa Física  
Set sobre Ago - (-)3,6%



**Inadimplência Empresas**  
Boa Vista  
Junho 16 s/ Junho 15 - 137



**Valor Cesta Básica Média**  
Junho R\$ 419,79



# Ambiente Econômico

## A resiliência como vantagem competitiva

A fragilidade e a dependência da economia brasileira é ainda muito grande. Internamente estamos cientes das dificuldades que enfrentamos procurando alternativas para reduzir o desemprego, movimentar a economia de forma geral, ampliar vendas, aumentar a renda do trabalhador, reduzir taxas de juros e assim por diante. O que não esperávamos, aliás, poucos no mundo esperavam é que Trump se saísse vitorioso e se torna-se Presidente eleito nos Estados Unidos. Este simples movimento fez com que a cotação do dólar, em 3 ou 4 dias desvalorizasse o Real em quase 15%, porém o que parece ainda mais grave é o que mostrou o primeiro Boletim Focus do Banco Central, publicado 3 dias após os resultados norte-americanos. A projeção de crescimento do PIB para 2016, que na véspera das eleições apontava uma queda de 3,31%, ampliou-se para 3,37%. Por outro lado, a projeção do PIB para o próximo ano, que havia atingido uma taxa de crescimento de 1,20%, no momento pós-Trump apresentou uma queda para 1,13%.

Somem-se a estas projeções e indicadores, as possibilidades que o Banco Central Americano, por conta das incertezas atreladas ao próximo Presidente sinalize novamente com o aumento da taxa de juros o que fará com que o fluxo de capital estrangeiro que começava a se recuperar por aqui, retraia-se e busque opções mais seguras nos EUA.

Outra possibilidade que pode atingir o Brasil, talvez em um prazo um pouco mais longo, é uma certa retomada da produção interna americana, que foi um dos pilares de campanha e que arregimentou milhões de votos. O Brasil tem nos Estados Unidos o segundo maior mercado de exportação que pode ser atingido por medidas protecionistas, mesmo que os nossos produtos de exportação sejam mais commodities do que bens manufaturados. Em todo caso, não se consegue de forma clara e transparente, dimensionar todo o efeito do que vem pela frente no mercado americano e como tudo isto pode nos impactar por aqui. Tudo vai depender da nova política a ser implantada.

Do nosso lado resta-nos buscar o equilíbrio econômico com as medidas da PEC 241 em aprovação no Congresso e trabalhar fortemente as questões de uso mais racional de todos os recursos disponíveis. Se o começo da recuperação estava sendo vislumbrado para o começo do segundo trimestre de 2017, melhor se acostumar com a ideia de algo melhor apenas no segundo semestre do ano que vem. O empresário brasileiro começa a incorporar a sua maior ou menor capacidade de resiliência como vantagem competitiva no mercado.

## Destaque do Mês

### Pesquisa CNC aponta mais otimismo a médio prazo

Pesquisa realizada pela CNC – Confederação Nacional de Bens, Serviços e Turismo, apontou que o índice de confiança do empresário de comércio atingiu 97,3% em Outubro depois de 93,5% em Setembro. O índice, mesmo em elevação, ainda está abaixo do nível de indiferença que é igual a 100 pontos. Entretanto é interessante avaliar que o nível de confiança em suas empresas é de 72,2, enquanto que o nível de confiança no setor onde estão atuando é de 57,1 e o da economia brasileira como um todo igual a 42,7 ou seja, o empresário mostra-se com intenção de atuar pela sua empresa e confia nela, porém o governo, como gestor da economia nacional não inspira a mesma confiança.



Por outro lado, a intenção de contratação de funcionários vem se mostrando estável desde Julho, enquanto que a intenção de investimento na empresa teve o índice de Outubro menor do que o de Setembro. Ampliar os estoques com os quais vem trabalhando é algo cuja intenção pouco se modifica desde outubro de 2015. Este três indicadores, contratação, investimento e estoque, reforçam que a evolução da economia não se mostra suficientemente atraente a ponto de despertar a vontade de impulsionar seus negócios por parte do empresário. As expectativas de médio prazo mostram-se mais favoráveis à luz do comerciante e melhores do que há um ano, o que pode sinalizar melhoras para 2017.

## Acontece na Indústria

A pesquisa da produção industrial em Setembro apresentou crescimento de 0,5% frente a Agosto, após acumular perdas de 3,6% em Julho e Agosto. Na comparação com o mesmo mês de 2015 a queda foi de 4,8%, ou seja, a 31ª taxa negativa consecutiva. A expansão da indústria em Setembro, deveu-se, principalmente, a produtos alimentícios com índice de 6,4%, veículos automotores, reboques e carrocerias com 4,8%, confecção de artigos do vestuário e acessórios e indústrias extrativas com 2,6%. A indústria de veículos automotores, reboques e carrocerias voltou a crescer depois de acumular perdas de 12,0% apenas nos meses de Julho e Agosto de 2016.

## Acontece em Serviços

O setor de serviços voltou a cair 0,3% em Setembro em relação a Agosto. Em relação a Setembro de 2015 a queda foi de 4,9%, o 18º resultado negativo consecutivo neste tipo de comparação. Os serviços profissionais, administrativos e complementares cresceram 0,7% e aqueles ligados aos Transportes, cresceram 0,3%. Os serviços prestados às famílias, caíram 0,9% e aqueles ligados à comunicação e informação caíram 0,6%. No setor de Turismo, o agregado mostrou crescimento de 1,5% em comparação com Agosto. O lado positivo é que o índice do terceiro trimestre indicou queda de 0,5%, enquanto o primeiro registrou 1,4% e o segundo a taxa de 1,1%.

## O que vem pela frente

### As previsões dos grandes bancos brasileiros

O Brasil ainda tem uma série de pontos a equacionar em sua política econômica. Os grandes bancos brasileiros, em especial Bradesco e Itaú que elaboram sua projeções de longo prazo mostram um país que mesmo em 10 anos ainda estará crescendo em ritmo abaixo do nível mundial.

|                            | 2016E | 2017E | 2018E | 2019E | 2020E |
|----------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Crescimento do PIB Mundial | 3,1%  | 3,5%  | 3,5%  | 3,6%  | 3,5%  |
| PIB Brasileiro Itaú BBA    | -3,2% | 2,0%  | 4,0%  | 3,7%  | 2,9%  |
| PIB Brasileiro Bradesco    | -3,4% | 1,0%  | 3,0%  | 3,0%  | 3,0%  |

O Itaú BBA ainda arrisca um pouco mais à frente e prevê o mundo crescendo 3,2% em 2025 e o Brasil apenas 1,9%. Cresceremos abaixo do mundo neste ano e no próximo, com melhores desempenhos em 2018 e 2019, voltando a regredir em 2020. Estas projeções evidenciam que o país tem problemas estruturais sérios que se não enfrentados nos conduzirão a um distanciamento cada vez maior dos demais países de forma geral. O que se vislumbra de positivo a partir de 2018 é que a taxa de crescimento anual da inflação deverá estabilizar-se no patamar de 4%, porém o desemprego não deverá baixar significativamente abaixo de 10%. Também a partir de 2018, prevê-se uma estabilização do dólar na casa de R\$ 3,70 voltando a crescer a partir de 2020. Ao final de 2018 também de forma positiva, Itaú enxerga a taxa SELIC a 7,75% e o Bradesco a 7,75%. Uma coisa é verdade e definitiva: não existe mais a menor possibilidade de crescimentos aos saltos para o país, assim como administrar custos e salários, em função das taxas de desemprego, deverão continuar pautando as ações das empresas daqui para a frente. Exportar também passa a ser uma alternativa atraente. Como sempre, aqueles que se prepararem melhor, terão ampliadas as possibilidades de sucesso.